

APOIO SOCIAL E ACONTECIMENTOS DE VIDA NEGATIVOS NAS FAMÍLIAS EM RISCO PSICOSSOCIAL E A POPULAÇÃO EM GERAL DO ALGARVE

SOCIAL SUPPORT AND NEGATIVE LIFE EVENTS IN FAMILIES AT PSYCHOSOCIAL RISK AND THE GENERAL POPULATION OF THE ALGARVE

Carmen Macedo¹, Rita dos Santos², Cátia Martins³, Cristina Nunes⁴

PSIQUE • E-ISSN 2183-4806 • VOLUME XX • ISSUE FASCÍCULO 2
1ST JULY JULHO - 31ST DECEMBER DEZEMBRO 2024 • PP. 8-26

DOI: <https://doi.org/10.26619/2183-4806.XX.2.1>

Submitted on 03/04/2024 Submetido a 03/04/2024

Accepted on 17/06/2024 Aceite a 17/06/2024

Resumo

O objetivo deste estudo foi analisar os acontecimentos de vida negativos, o impacto emocional e o apoio social em famílias com menores em risco psicossocial e a população em geral. Foram entrevistados 348 pais residentes no Algarve, 131 acompanhados pelas Comissões de Proteção de Crianças e Jovens e 217 da população em geral. Utilizou-se a entrevista estruturada de Apoio Social de Arizona, a escala de Apoio Social para Situações Vitais Estressantes, o Inventário de Situações Estressantes e de Risco e um questionário sociodemográfico.

As famílias em risco psicossocial reportaram mais acontecimentos de vida stressantes e de risco, atuais e passados, da própria e do ambiente próximo. Também reportaram mais necessidade de apoio, emocional, tangível e informativo e mostraram-se mais satisfeitas com exceção do apoio emocional, comparativamente às famílias da população geral.

Ambos os grupos possuem redes de apoio social de tamanho idêntico. No entanto, as famílias em risco apresentaram maior presença dos filhos menores na sua rede de apoio social, indicando uma possível disfuncionalidade do sistema familiar e parental. Constatou-se também uma maior presença de profissionais nas suas redes de apoio, o que enfatiza alguma dependência relativamente aos serviços, como também a importância da intervenção junto destas famílias.

Palavras-Chave: Acontecimentos de vida negativos, Apoio social, Famílias em risco, Risco psicossocial

1 Universidade do Algarve, 8005-135 Faro, Portugal. <https://orcid.org/0000-0001-6259-0737> (cspmacedo@gmail.com)

2 Universidade do Algarve, 8005-135 Faro, Portugal. Centro de Investigação em Psicologia (CIP). <https://orcid.org/0000-0002-3278-8424> (rasantos@ualg.pt)

3 Universidade do Algarve, 8005-135 Faro, Portugal. Centro de Investigação em Psicologia (CIP). <https://orcid.org/0000-0002-1819-85> (csmartins@ualg.pt)

4 Universidade do Algarve, 8005-135 Faro, Portugal. Centro de Investigação em Psicologia (CIP). <https://orcid.org/0000-0002-1009-0519> (csnunes@ualg.pt)

Autor de contacto: Cristina Nunes, csnunes@ualg.pt

Abstract

This study aimed to analyze negative life events, emotional impact, and social support in families with minors at psychosocial risk and the general population. A total of 348 parents were interviewed, with 131 being monitored by the Child and Youth Protection Commissions and 217 from the general population, all residing in the Algarve. We used the Arizona Social Support Interview, the Social Support Scale for Stressful Life Situations, the Stressful and Risky Situations Inventory, and a sociodemographic data questionnaire.

Families at psychosocial risk reported more stressful and risky life events, both current and past, involving themselves and their immediate environment. These families reported a greater need for emotional, tangible, and informational support and expressed higher satisfaction, except for emotional support, than the general population.

Families at risk showed a higher presence of their minor children in their social support network, which may indicate some dysfunction in the family and parental system. They also showed a greater presence of professionals, suggesting both a degree of dependency and the importance of professional intervention with families in more vulnerable situations.

Keywords: At-risk families, negative life events, psychosocial risk, social support.

1. Introdução

A família representa o principal contexto de desenvolvimento e socialização das crianças, sendo a sua diversidade complexa e dinâmica. Apesar do caráter normativo, nem todas as famílias são iguais e são muitos os contextos familiares em que as necessidades básicas dos menores não são satisfeitas, comprometendo o seu saudável desenvolvimento, integridade física e psicológica (Ayala-Nunes et al., 2014, 2018; Hidalgo García et al., 2009).

As famílias em situação de risco psicossocial constituem uma realidade em Portugal, denotando-se uma crescente preocupação, em virtude dos múltiplos desafios e fatores de stress (internos e externos), com os quais têm de lidar. Estes encontram-se muitas vezes associados a condições de vida desfavorecidas, como múltiplos acontecimentos de vida stressantes, que as desafiam frequentemente face a mudanças e adaptações, o que coloca em evidência os seus escassos recursos (Ayala-Nunes et al., 2017; Nunes et al., 2013, 2023) e dificultando o exercício efetivo das suas competências parentais (Ayala-Nunes et al., 2017; Menéndez et al., 2010), bem como o desenvolvimento dos menores e o bem-estar da família (Bauch et al., 2022; Pérez et al., 2017).

Ao longo da vida, poderão surgir múltiplos acontecimentos de vida (i.e., desequilíbrios), alguns com importantes repercussões ao nível do funcionamento pessoal e familiar, e que implicam mudanças e adaptação psicossocial (Lorence et al., 2013; Karhina et al., 2023). Estes eventos, denominados de acontecimentos de vida stressantes e de risco, despoletam níveis elevados de stress (Rodrigo et al., 2008), podem ser definidos como experiências que afetam ou ameaçam a atividade diária dos indivíduos, implicando a sua necessidade de adaptação (Gao et al., 2020; Lorence, 2008; Mangalagiu et al., 2024), exigindo um maior grau de reestruturação e de mudança na vida dos indivíduos ou das famílias (Rodrigo et al., 2008). Podem ser agrupados

cinco categorias: a) acontecimentos de vida significativos (e.g., desemprego, perdas afetivas, divórcio); b) acontecimentos do quotidiano (e.g., falta de dinheiro e de tempo livre), c) acontecimentos sociais (e.g., pobreza, racismo, conflitos familiares); d) acontecimentos traumáticos ou catástrofes (e.g., sismos, guerras); e e) fatores ambientais (e.g., poluição da água, do ar) (Evans & Cohen, 1987).

As famílias em situação de risco psicossocial caracterizam-se por elevada acumulação de acontecimentos de vida stressantes (Menéndez et al., 2010; Rodrigo et al., 2008), que podem acumular-se ao longo da vida enquanto crises sucessivas e inesperadas, decorrentes da sua elevada vulnerabilidade e de pressões do meio, que dificultam a sua capacidade para lidar com as circunstâncias adversas (Sousa, 2005). Neste sentido, as circunstâncias de risco, nomeadamente a sua acumulação, têm vindo a ser relacionadas com o bem-estar psicológico (Ayala-Nunes et al., 2014; Hidalgo et al., 2018), e a falta de suporte social (i.e., o isolamento social) um fator crítico para a etiologia dos maus-tratos infantis (Ayala-Nunes et al., 2017; Nunes & Ayala-Nunes, 2015; Rayce et al., 2017) e risco de deterioração do ambiente familiar (Nunes et al., 2021).

O apoio social é um dos fatores de proteção que pode contribuir para mitigar o efeito dos indicadores que influenciam o perfil de risco psicossocial, devido aos seus efeitos diretos e indiretos na diminuição do impacto negativo de diversos fatores de risco sobre o bem-estar físico e psicológico (Alvarez et al., 2020; Cohen, 2004; Hong et al., 2023; Li et al., 2011). Constitui um constructo multidimensional reconhecido pela sua influência sobre a saúde, o bem-estar psicológico (Ayón, 2018; Cohen & Wills, 1985; Thoits, 2011; Nunes, et al., 2021), a qualidade das práticas parentais (Belsky & Jafee, 2015), o impacto no relacionamento entre pais-filhos (Ayala-Nunes et al., 2017) e o exercício de uma parentalidade adequada (Álvarez et al., 2020; Brown et al., 2018; Martin et al., 2012). É muitas vezes associado a um tipo de ajuda (formal ou informal) que as pessoas recorrem para ultrapassar as suas necessidades e dificuldades, com repercussões nas práticas parentais e na forma como as famílias superam os acontecimentos de vida stressantes (Martins et al., 2022). Assim, a provisão estratégica e eficiente de apoio às famílias, que atenda às suas necessidades, revela-se crucial para aliviar o stresse (Hong et al., 2020), promover o bem-estar da família (UNESCO, 2022) e a sua resiliência face às adversidades (Benzies & Mychasiuk, 2009; Rayce et al., 2017).

As redes de apoio social proporcionam à família padrões de comportamento, feedback, apoio material e emocional, bem como oportunidades e recursos para lidar com os efeitos negativos do stresse (Garbarino, 2017). Podemos considerar três dimensões fundamentais do apoio social (i.e., três tipos de suporte funcional): a) emocional que se refere a aspetos como a intimidade, afeto, conforto, cuidado e preocupação); b) material respeitante à provisão de assistência a nível material; e ainda, c) informativo que envolve aspetos como o conselho, orientação ou informação relevante para determinada situação (Barrera, 1986; Lagdon et al., 2018; Nunes et al., 2021).

O apoio social constitui um recurso importante para minimizar os efeitos causados por uma situação stressante, na medida em que a partir da interação entre os membros da rede pode ser alargado o repertório comportamental para formas mais adaptáveis às exigências do meio ambiente (Barrón, 1996). A adaptação pessoal e social resulta de uma boa capacidade para utilizar os recursos internos e externos, que vão permitir lidar com êxito e enfrentar determinadas situações adversas que vão surgindo ao longo do ciclo de vida (Rodrigo et al., 2008).

O presente estudo tem como objetivo analisar os acontecimentos de vida stressantes e de risco atuais, o impacto emocional e as características do apoio social percebido nas famílias em risco psicossocial e na população em geral.

2. Método

2.1. Desenho

O presente estudo apresenta um cariz descritivo-correlacional e pretende, por um lado caracterizar as famílias da população em geral e de risco relativamente aos construtos em análise (i.e., acontecimentos de vida negativos e apoio social) e, por outro lado, comparar os níveis obtidos consoante cada tipo de família.

2.2. Participantes

A amostra do estudo foi constituída por 131 pais e mães acompanhados pelas Comissões de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJs) e por 217 progenitores da população em geral, residentes na região do Algarve. Os participantes com menores em risco psicossocial foram selecionados de acordo com os critérios: 1) ser pais e mães de crianças ou jovens acompanhados pelas CPCJs; 2) as situações de perigo não configuravam gravidade suficiente para a separação do menor da sua família. Os pais e mães da população em geral foram selecionados pelos técnicos de instituições com intervenção nas áreas da infância, juventude e segurança.

2.3. Instrumentos

- Acontecimentos de vida negativos. Foi utilizado o Inventário de Situações Stressantes e de Risco (Nunes & Lemos, 2010), versão portuguesa do *Inventario de Situaciones Estresantes y de Riesgo* (ISER) de Hidalgo et al. (2005). Este instrumento inclui 24 itens e avalia os fatores de risco, ou seja, a existência e impacto de acontecimentos de vida especialmente difíceis ocorridos no passado (8 itens; e.g., “Maltrato na infância”, “Precariedade económica”) e no presente (16 itens; e.g., “Ser vítima de maltrato”, “Situação económica bastante difícil”), ao sujeito ou a alguém do seu ambiente próximo, respondidos numa escala de 1 a 3 pontos (1 = “afetou-me pouco”; 2 = afetou-me bastante”; 3 = “afetou-me muitíssimo”). Este inventário permitiu, ainda, obter índices sobre a acumulação de situações de risco e da vulnerabilidade emocional associada. Os autores do instrumento obtiveram índices de consistência interna aceitáveis no grupo das famílias da população em geral ($\alpha_{\text{Próprio}} = ,69$; $\alpha_{\text{Família}} = ,72$) e nas famílias de risco ($\alpha_{\text{Próprio}} = ,60$; $\alpha_{\text{Família}} = ,67$).
- Apoio Social Percebido. Foi medido através da Entrevista de Apoio Social Arizona de Nunes et al., (2013), versão portuguesa do *Arizona Social Support Interview Schedule* (ASSIS, Barrera, 1980). Este instrumento é administrado através de uma entrevista semi-estruturada (19 questões) que, perguntando relativamente ao mês anterior (e.g.: “Durante o último mês, quanto acha que precisou de pessoas para falar sobre assuntos pessoais e privados?”), avalia a rede de suporte nas suas dimensões a) apoio emocional (i.e., participação social e sentimentos pessoais; e.g., “Com quem fala...”); b) apoio tangível (i.e., assistência material e

física; e.g., “Se, por acaso, precisasse de algum dinheiro, a quem pediria ajuda?”); e c) apoio informativo (i.e., aconselhamento e feedback positivo; “Quando fazes uma refeição especial, dizem-te que a fizeste bem?”). Avalia também a rede de conflitos (e.g., “Quais são as pessoas com quem pode ter algum desgosto, discussão ou desacordo?”) e a satisfação dos participantes, respondidos numa escala de 1 a 10, com o apoio que receberam nas dimensões descritas anteriormente. Recorreu-se ainda à versão portuguesa (Nunes et al., 2013) da *Escala de Apoio Social para Situaciones Vitales Estresantes* (ASSE, López, et al., 2006), permite obter informação sobre o tamanho, composição, necessidades e satisfação com a rede social de apoio em situações stressantes e de risco (3 questões; e.g. “Se hipoteticamente acontecesse alguma destas situações [e.g., se o seu marido fosse preso], com quem poderia contar?”). No presente estudo utilizaram-se as dimensões referentes à da necessidade de apoio (famílias da população em geral: $\alpha = ,59$; famílias de risco: $\alpha = ,71$) e satisfação (famílias da população em geral: $\alpha = ,62$; famílias de risco: $\alpha = ,70$).

2.4. Procedimentos

Após a obtenção das autorizações e consentimento informado dos participantes no estudo, realizámos a recolha dos dados, do grupo de famílias de risco, através de uma entrevista, no domicílio familiar ou na sede das CPCJs, de acordo com parecer técnico e disponibilidade dos participantes. A recolha dos dados do grupo de comparação, famílias da população em geral, foi realizada através da formalização de protocolos de colaboração com Agrupamentos de Escolas, Guarda Nacional Republicana, Associações Humanitárias de Bombeiros Voluntários e Centros de Saúde da região do Algarve. Os participantes foram contactados pelos técnicos das instituições, tendo sido esclarecidas todas as instruções para o preenchimento das folhas de resposta dos instrumentos, existindo possibilidade de clarificação de dúvidas ao longo da aplicação. A participação foi voluntária e sem compensação.

O estudo foi aprovado pelo Conselho Científico do Departamento de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Algarve (CC_55_20/12/2017).

2.5. Plano de análise

Os dados foram analisados com o *software* SPSS v29 (IBM SPSS, 2024). Recorreu-se à ANOVA ($p < ,05$) para comparação dos valores médios entre grupos, considerando as duas condições de aplicação (i.e., grupos > 30 participantes e homogeneidade de variâncias, medidas com recurso ao Teste de Levene e, quando esta condição não se verificava [$p < ,05$], recorreu-se à versão corrigida com o teste Brown-Forsythe). Foi ainda calculado o η^2 como medida de magnitude de efeito, sendo que valores de 0,01 foram considerados de efeito pequeno, 0,06 de efeito moderado e 0,14 como um efeito grande. O teste de independência de Qui-quadrado ($p < ,05$) foi utilizado na comparação de dados categoriais, atendendo à sua condição de aplicação (i.e., cada célula ter observações > 5). As correlações de Pearson ($p < ,05$) foram usadas para analisar as associações entre variáveis escalares, sendo que valores inferiores a ,20 foram considerados espúrios, entre ,20-,40 pequena magnitude, ,40 - ,60 moderada, entre ,60 - ,80 de elevada magnitude e acima de 80 como muito elevada. A consistência interna foi medida através do alfa de Cronbach e considerada

adequada acima de .70 e as correlações item-total corrigidas quando acima de .30 (Tabachnick & Fidell, 2019).

3. Resultados

3.1. Acontecimentos de vida stressantes e de risco atuais e passados

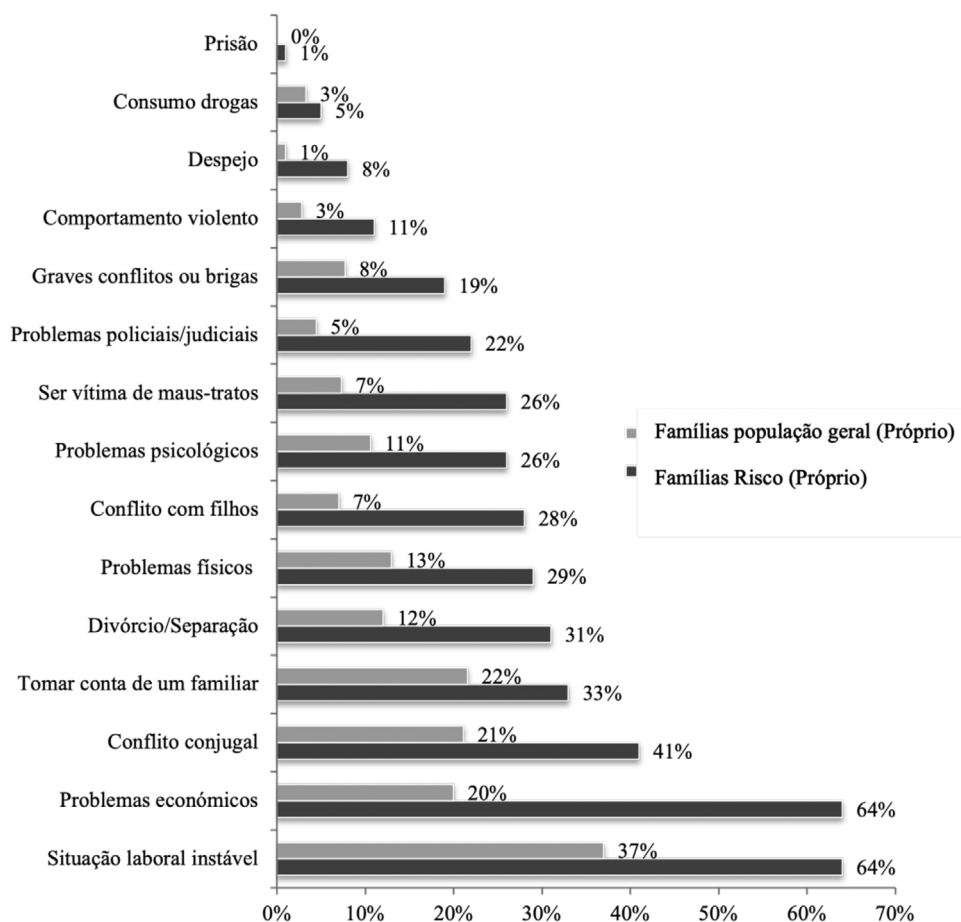
Os resultados do estudo mostram que os progenitores de famílias em risco psicossocial apresentam índices mais elevados de acontecimentos de vida stressantes e de risco atuais que os progenitores de famílias da população em geral. No que se refere aos acontecimentos de vida stressantes e de risco atuais, os problemas mais relatados pelos progenitores de famílias em risco psicossocial foram profissionais (64%), económicos (63%), conjugais (41%), tomar conta de um familiar (33%), divórcio/separação (31%), físicos (29%), conflitos com filhos (28%), psicológicos (26%), e maus-tratos (26%). Os problemas mais frequentes reportados pelos progenitores de famílias da população em geral foram profissionais (37%), tomar conta de um familiar (22%), conjugais (21%), económicos (20%), físicos (13%), e divórcio/separação (12%) (**Figura 1**). Observámos diferenças significativas na maioria dos acontecimentos de vida stressantes e de risco atuais entre os grupos de famílias da população em geral e de risco, com exceção dos acontecimentos prisão (FRisc = 0.8%, FGeral = 0%, [1, 346] = 1.67, $p = .197$) e consumo de drogas (FRisc = 5%, FGeral = 3%, [1, 345] = 3.28, $p = .194$). O ambiente familiar próximo das famílias em risco apresentou também uma incidência mais elevada de acontecimentos de vida stressantes atuais que o ambiente familiar das famílias da população em geral, e os tipos de problemas mais comuns foram semelhantes, entre si, profissionais (60% e 30%), económicos (48% e 22%), físicos (40% e 20%), morte de alguém próximo (39% e 32%), e psicológicos (39% e 17%).

Os acontecimentos de vida stressantes atuais sofridos pelos progenitores de famílias em risco psicossocial percecionados com maior impacto ($Min = 1$; $Max = 3$) foram prisão ($M = 3,00$), despejo ($M = 2,90$), problemas económicos ($M = 2,77$), profissionais ($M = 2,76$) e vítima de maus-tratos ($M = 2,74$). No caso das famílias da população em geral, os acontecimentos de vida stressantes que tiveram mais impacto emocional nos progenitores foram os problemas de despejo ($M = 3,00$), divórcio/separação ($M = 2,79$), psicológicos ($M = 2,48$), económicos ($M = 2,44$), profissionais ($M = 2,37$), e ser vítima de maus-tratos ($M = 2,36$).

No que se refere ao passado, os problemas mais comuns sofridos pelos progenitores de famílias em risco foram económicos (59%), profissionais (51%), psicológicos (45%), maus-tratos na idade adulta (35%) e infância (30%). Nas famílias da população em geral, os problemas mais frequentes foram económicos (21%), psicológicos (19%), profissionais (17%), maus-tratos na infância (10%) e idade adulta (8%). Constataram-se diferenças significativas em todos os acontecimentos de vida stressantes passados entre os grupos de famílias, verificando-se que as famílias em risco apresentaram mais acontecimentos de vida negativos passados que as famílias da população em geral.

FIGURA 1

Acontecimentos de vida stressantes atuais do próprio em famílias da população em geral e em risco



3.2. Apoio Social Percebido

No global, quer as famílias da população em geral quer as em risco psicossocial contam, em média, com cerca de oito pessoas na sua rede de apoio total ($F = 0,45$; $p = ,505$; $\eta^2 = ,00$; $M_{Geral} = 8,11$; $DP_{Geral} = 3,24$; $M_{Risco} = 7,81$; $DP_{Risco} = 5,19$) (Tabelas 1 e 2), não se observando diferenças significativas. A rede social de apoio do grupo de famílias da população em geral (Tabela 1) é constituída sobretudo por familiares e amigos (52%), familiares (43%) e amigos (5%). No grupo das famílias em risco é composta principalmente por familiares (41%), familiares e amigos (32%) e amigos (27%).

Nos tipos específicos de apoio, as famílias da população em geral apresentaram uma rede mais extensa de apoio emocional constituída por uma média 5,27 pessoas ($DP = 2,65$, $Amp = 1-20$), composta na maioria por familiares e amigos (67,3%). Observou-se também a presença combinada com profissionais idêntica na rede de apoio emocional (6%) e informativa (6%), e mais reduzida na rede tangível (1,4%). A média da necessidade de apoio total reportada pelos progenitores foi de 5,14 ($DP = 1,91$) e o tipo específico que referiram ter precisado mais foi o apoio emocional ($M = 6,21$; $DP = 2,31$). No total, os progenitores apresentaram uma média de satisfação com o apoio

recebido de 7,08 ($DP = 2,14$) e mostraram-se mais satisfeitos com o apoio emocional ($M = 7,58$; $DP = 2,25$), seguido do informativo ($M = 7,44$; $DP = 2,07$) (Tabela 1).

TABELA 1

Dimensão, composição, necessidade e satisfação segundo as dimensões da Rede de Apoio Social (i.e. emocional, tangível e informativa) das famílias da população em geral (n = 217)

	Emocional	Tangível	Informativa	Total
Dimensão				
M (DP)	5,27 (2,65)	4,23 (2,12)	4,79 (2,39)	8,11 (3,24)
Min - Máx	1 - 20	1 - 13	1 - 13	2 - 20
Composição				
Familiares	18,9%	53,0%	27,6%	
Amigos	7,8%	4,6%	6,5%	
Familiares e amigos	67,3%	41,0%	59,9%	
Combinado com profissionais	6,0%	1,4%	6,0%	
M (DP)				
Necessidade	6,21 (2,31)	3,91 (2,43)	5,04 (2,49)	5,14 (1,91)
Satisfação	7,58 (2,25)	6,70 (2,38)	7,44 (2,07)	7,08 (2,14)

Nota. M = Média, DP = Desvio-padrão, Min = Mínimo, Máx = Máximo.

As famílias em risco psicossocial (Tabela 2) apresentaram uma rede emocional constituída por quase 5 membros ($M = 4,76$; $DP = 4,13$; $Amp = 0-31$), seguida da informativa ($M = 4,48$; $DP = 3,68$; $Amp = 0-22$) e tangível ($M = 3,33$; $DP = 2,91$; $Amp = 0-22$), compostas na sua maioria por familiares e amigos. Constatou-se a presença de apoio combinado por profissionais na rede emocional (17,3%) e tangível (2,5%). Os progenitores revelaram uma média de necessidade de apoio total de 6,30 ($DP = 2,25$) e uma maior necessidade de apoio emocional ($M = 6,89$; $DP = 2,60$). Quanto à satisfação com o apoio social recebido, as famílias em risco mostraram uma média total de 8,04 ($DP = 2,04$), com resultados muito semelhantes para os três tipos específicos de apoio, nomeadamente o informativo ($M = 8,01$; $DP = 2,43$), o tangível ($M = 8,00$; $DP = 2,63$) e o emocional ($M = 7,79$; $DP = 2,62$).

TABELA 2

Dimensão, composição, necessidade e satisfação segundo as dimensões da Rede de Apoio Social (i.e. emocional, tangível e informativa) das famílias em risco (n = 130)

	Emocional	Tangível	Informativa	Total
Dimensão				
M (DP)	4,76 (4,13)	3,33 (2,91)	4,48 (3,68)	7,81 (5,19)
Min - Máx	0 - 31	0 - 22	0 - 22	1 - 33
Composição				
Familiares	29,1%	42,1%	23,2%	
Amigos	8,7%	13,2%	10,4%	
Familiares e amigos	44,9%	42,1%	48,8%	
Combinado com profissionais	17,3%	2,5%	15,2%	
Profissionais	0%	0%	2,4%	
M (DP)				
Necessidade	6,89 (2,60)	5,54 (2,72)	5,96 (2,91)	6,30 (2,25)
Satisfação	7,79 (2,62)	8,00 (2,63)	8,01 (2,43)	8,04 (2,04)

Nota. M = Média, DP = Desvio-padrão, % = Percentagem, Min = Mínimo, Máx = Máximo.

A rede de conflito das famílias da população em geral é constituída na sua maioria por familiares (40%), familiares e amigos (35%), cônjuge (17%), filhos (4%) e ex-cônjuge (4%). Nas famílias em risco é composta principalmente pelo cônjuge (40%), familiares (19%), filhos (14%) e ex-cônjuge (12%).

As famílias da população em geral apresentaram uma rede social de apoio mais ampla face à vivência de situações de vida stressantes ($M = 5,22$; $DP = 3,42$; $Min. = 0$; $Máx. = 20$), comparativamente com as famílias em risco ($M = 2,31$; $DP = 2,96$; $Min. = 0$; $Máx. = 20$), e revelaram sentir menos necessidade de apoio ($M = 5,81$; $DP = 3,54$), do que as famílias em risco ($M = 7,01$; $DP = 3,56$). Ambas apresentaram uma satisfação com a rede de risco muito semelhante ($M_{Geral} = 7,82$; $M_{Risco} = 7,84$).

A comparação entre os dois grupos relativamente à sua necessidade de apoio mostrou diferenças significativas em todas as dimensões avaliadas, nomeadamente ao nível total ($F = 25,20$; $p < ,001$; $\eta^2 = ,07$), emocional ($F = 6,02$; $p = ,015$; $\eta^2 = ,02$), tangível ($F = 29,13$; $p < ,001$; $\eta^2 = ,09$) e informativo ($F = 8,92$; $p = ,003$; $\eta^2 = ,03$), sendo que as famílias em risco mostraram níveis mais elevados. No que se refere à satisfação com a rede de apoio social percebido, os resultados mostraram apenas diferenças significativas ao nível total ($F = 13,08$; $p < ,001$; $\eta^2 = ,05$) e tangível ($F = 8,50$; $p = ,004$; $\eta^2 = ,06$), em que as famílias de risco mostraram-se mais satisfeitas do que as famílias da população em geral.

Ao nível da rede de risco, observaram-se diferenças significativas no tocante à dimensão ($F = 65,16$; $p < ,001$; $\eta^2 = ,16$) e necessidade de apoio ($F = 8,54$; $p = ,004$; $\eta^2 = ,03$), em que as famílias da população em geral apresentaram uma rede mais ampla do que as famílias em risco ($M_{Risc} = 2,31$; $DPRisc = 2,96$; $M_{Pop} = 5,22$; $DPPop = 3,42$).

Na tabela que se segue, no quadrante superior encontram-se os valores referentes às famílias da população em geral e no quadrante inferior as das famílias em risco. Todas as redes e

dimensões, necessidade e satisfação de apoio social estavam positiva e significativamente associadas entre si (Tabela 3).

TABELA 3
Correlações entre as dimensões do apoio social percebido

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1. Rede total	-	,58***	,55***	,64***	-,03	-,02	,13	-,11	-,10	-,02
2. Rede emocional	,79***	-	,42***	,49***	,03	-,08	,06	,25**	,16	,13
3. Rede tangível	,60***	,34***	-	,37***	-,11	-,20**	-,05	,08	-,07	,06
4. Rede informativa	,76***	,45***	,63***	-	-,03	-,02	-,05	,05	-,09	,06
5. Necessidade emocional	,11	,13	,05	,13	-	,28***	,39***	,26***	,14	,16
6. Necessidade tangível	-,13	-,15	,00	-,12	,31**	-	,30***	-,03	,62***	,11
7. Necessidade informativa	-,04	-,06	-,01	,06	,54***	,52***	-	,07	,22	,41***
8. Satisfação emocional	,13	,23*	,14	,15	,00	,27*	,32**	-	,36**	,40***
9. Satisfação tangível	-,01	-,01	,21	,08	,17	,23	,26	,50**	-	,36**
10. Satisfação informativa	-,02	-,02	,07	,09	-,02	,26*	,21	,44***	,44**	-

Nota. No quadrante superior apresentam-se as correlações das famílias da população em geral e no inferior as das famílias em risco; * $p < ,05$; ** $p < ,01$; *** $p < ,001$; † $p < ,10$

Nas famílias da população em geral, a rede emocional apresenta-se positivamente correlacionada com a satisfação emocional ($r = ,25$; $p < ,01$), e a rede tangível negativamente associada à necessidade tangível ($r = -,20$; $p = < ,01$). Nas famílias em risco, observou-se também que a rede emocional estava positivamente associada à satisfação emocional ($r = ,23$; $p = < ,01$), embora com uma pequena magnitude.

3.3. Diferenças nos Índices de Acontecimentos de Vida Stressantes (Atuais e Passados) e Níveis de Apoio Social Percebido entre as Famílias da população em geral e em Risco, em função das características sociodemográficas

As famílias em situação de risco psicossocial apresentaram índices mais elevados em todas as dimensões dos acontecimentos de vida stressantes e de risco atuais e passados, quer da própria quer do ambiente próximo, comparativamente às famílias da população em geral, sendo esta diferença estatisticamente significativa (Tabela 4).

TABELA 4

Comparação das médias, desvios-padrão nas dimensões dos acontecimentos de vida stressantes e de risco entre as famílias da população em geral e em risco ($n_{Geral} = 217$, $n_{FRisc} = 130$)

Acontecimentos de Vida Stressantes	Famílias População em Geral		Famílias Risco		F	p	η ²
	M	DP	M	DP			
Próprio (atual)	1,67	1,87	4,06	2,30	111,35	<,001	,25
Ambiente próximo (atual)	2,30	2,60	4,69	2,67	67,60	<,001	,16
Próprio (passado)	0,81	1,28	2,53	1,80	107,84	<,001	,24
Ambiente próximo (passado)	1,33	1,82	3,07	2,27	60,81	<,001	,15

Nota. M = Média, DP = Desvio-padrão, F = Estatística teste, p = nível de significância, η² = Medida de magnitude de efeito.

As famílias em risco evidenciaram níveis mais elevados de impacto emocional relativos à vivência de problemas físicos ($F [1,64] = 6,94$, $p = ,011$), económicos ($F [1,125] = 9,23$, $p = ,003$), judiciais/policiais ($F [1,37] = 4,15$, $p = ,049$) e profissionais ($F [1,159] = 17,49$, $p = <,001$), do que as famílias da população em geral. Porém, as famílias da população em geral mostraram maior impacto emocional com a separação/divórcio ($F [1,63] = 4,21$, $p = ,045$), comparativamente às famílias em risco.

Os progenitores de famílias em risco indicaram uma maior presença de profissionais na sua rede de apoio que as famílias da população em geral ($FRisc = 28,2\%$, $FGeral = 8,3\%$, $\chi^2 [1, N = 348] = 24,43$, $p <,001$). As famílias em risco evidenciaram níveis mais elevados em todas as dimensões da necessidade de apoio, total ($F [1,335] = 25,20$, $p <,001$), emocional ($F [1,331] = 6,02$, $p = ,015$), tangível ($F [1,309] = 29,13$, $p <,001$) e informativa ($F [1,324] = 8,92$, $p = ,003$), que as famílias da população em geral. No que se refere à satisfação, as famílias em risco mostraram níveis mais elevados de satisfação em todas as dimensões que as famílias da população em geral, contudo com diferenças significativas na satisfação total ($F [1, 275] = 13,08$, $p = ,000$) e satisfação tangível ($F [1, 127] = 8,50$, $p = ,004$).

Na composição da rede de conflitos, as famílias em risco apresentaram uma maior presença do cônjuge ($FRisc = 40,4\%$, $FGeral = 16,5\%$, $\chi^2 [1, N = 196] = 12,75$, $p <,001$), filhos ($FRisc = 14\%$, $FGeral = 4,3\%$, $\chi^2 [1, N = 196] = 5,76$, $p = ,016$) e outros ($FRisc = 12,3\%$, $FGeral = 4,3\%$, $\chi^2 [1, N = 196] = 4,14$, que as famílias da população em geral. As famílias da população em geral apresentaram uma rede de risco mais ampla que as famílias em risco ($M_{Geral} = 5,22$; $DP_{Geral} = 3,42$, $M_{Risco} = 2,31$; $DP_{Risco} = 2,96$), sendo que as famílias em risco demonstraram uma maior necessidade de apoio ($M_{Risco} = 7,01$; $DP_{Risco} = 3,56$; $M_{Geral} = 5,81$; $DP_{Geral} = 3,41$), do que as famílias da população em geral.

As famílias do tipo biparental apresentaram redes de apoio a nível emocional ($MBi = 5,35$; $DP_{Bi} = 3,51$; $M_{Mono} = 4,28$; $DP_{Mono} = 2,40$) e tangível ($M_{Bi} = 4,08$; $DP_{Bi} = 2,33$; $M_{Mono} = 3,27$; $DP_{Mono} = 2,87$) mais extensas e níveis mais elevadas em todas as dimensões de necessidade de rede de apoio, emocional ($M_{Mono} = 6,95$; $DP_{Mono} = 2,48$; $M_{Bi} = 6,30$; $DP_{Bi} = 2,40$), tangível ($M_{Mono} = 5,21$; $DP_{Mono} = 2,91$; $M_{Bi} = 4,23$; $DP_{Bi} = 2,52$), e informativa ($M_{Mono} = 6,05$; $DP_{Mono} = 2,76$; $M_{Bi} = 5,15$; $DP_{Bi} = 2,64$), que as famílias do tipo biparental. Não se observaram diferenças significativas nas dimensões de satisfação com o apoio social percebido em função do tipo de família (emocional: $F = 2,07$; $p = ,151$; $\eta^2 = ,01$; tangível: $F = 0,01$; $p = ,915$; $\eta^2 = ,00$; informativa: $F = 0,37$; $p = ,542$; $\eta^2 = ,00$). As famílias não pobres apresentaram uma rede de apoio tangível mais ampla do que as famílias pobres (F

[1,315] = 8,31, $p = ,004$; $MN_{pob} = 4,18$; $DPN_{pob} = 2,61$; $MPob = 3,31$; $DPPob = 2,34$). Apesar de p não atingir o nível de significância considerado ($p < ,05$), as famílias não pobres evidenciaram uma rede de apoio informativa mais extensa ($M = 4,90$; $DP = 2,88$) do que as famílias pobres ($M = 4,22$; $DP = 3,23$), com um efeito de pequena magnitude ($F [1,315] = 3,62$, $p = ,058$); contudo, as famílias pobres mostraram-se mais satisfeitas com as redes de apoio tangível ($MPob = 8,32$; $DPPob = 2,44$; $MNPob = 6,59$; $DPNPob = 2,44$) e informativa ($MPob = 8,26$; $DPPob = 2,11$; $MNPob = 7,33$; $DPNPob = 2,25$), comparativamente às famílias não pobres.

4. Discussão

O presente estudo pretendia analisar os acontecimentos de vida stressantes e de risco atuais, o impacto emocional e as características do apoio social percebido de famílias em risco psicossocial e de famílias provenientes da população em geral. No que se refere às famílias em risco psicossocial, quer dos progenitores, quer do ambiente familiar próximo, apresentaram índices mais elevados de acontecimentos de vida stressantes e de risco atuais e passados que as famílias da população em geral. Estes resultados vão ao encontro de outras investigações que se têm debruçado sobre a análise da determinação da incidência de acontecimentos de vida stressantes e de risco com famílias em situação de risco psicossocial (Macedo et al., 2013; Menéndez et al., 2010; Moreno, 2002; Nunes & Ayala-Nunes 2015; Nunes et al., 2011; 2013; Trigo, 1998). A elevada incidência do número de acontecimentos de vida negativos nas trajetórias e circunstâncias de vida atuais das famílias em risco, associada a um elevado impacto emocional, constituem motivo de preocupação, sugerindo o aumento da sua vulnerabilidade. A natureza e diversidade dos acontecimentos de vida stressantes e de risco atuais entre os grupos de famílias em risco e da população em geral foram muito semelhantes entre si, tais como situação laboral instável, problemas económicos, conflitos conjugais, tomar conta de um familiar, situação de divórcio/separação, e problemas físicos. Para além destes, as famílias em risco mostraram também uma elevada incidência de problemas relativos a conflitos com filhos, problemas psicológicos, e ser vítima de maus-tratos. Estes são os cenários mais próximos das famílias (i.e., nível micro) e são caracterizados frequentemente, em estudos anteriores, como tendo elevado impacto na saúde mental e bem-estar das famílias (Younas & Gutman, 2022).

As famílias em risco evidenciaram também uma presença mais elevada de acontecimentos de vida stressantes e de risco no passado que as famílias da população em geral. Contudo, igualmente semelhantes entre si, os acontecimentos passados mais reportados foram problemas económicos, situação laboral instável, problemas psicológicos, maus-tratos na idade adulta e infância. Este tipo de acontecimentos, associados a fatores de risco, tendem a reforçarem-se entre si, ampliando os seus efeitos (e.g., Lorence, 2008) e a tornarem-se (ou serem) intergeracionais (e.g., Macedo et al., 2013; Menéndez et al., 2010; Nunes et al., 2011; Rodrigo et al., 2008; Younas et al., 2023).

Os resultados evidenciaram também um maior efeito emocional dos acontecimentos de vida stressantes sofridos pelos progenitores de famílias em risco psicossocial comparativamente às famílias da população em geral, com especial destaque para os problemas económicos, situação laboral instável, ser vítima de maus-tratos, e problemas judiciais/policiais. Deste modo, reforça-se

o já identificado em estudos anteriores, no que se refere a fatores de risco ao nível do bem-estar familiar e como contribuindo fortemente para o maltrato infantil (Younas et al., 2023).

Algumas investigações têm identificado o isolamento como uma característica das famílias em risco psicossocial (Gracia & Musitu, 2003; Moreno, 2002). Porém, os nossos resultados, à semelhança dos estudos desenvolvidos em Portugal (Macedo et al., 2013; Nunes et al., 2021), não demonstraram o isolamento das famílias em risco, permitindo-nos constatar que as famílias em risco poderão não dispor de uma rede social especialmente reduzida e com valores muito próximos aos apresentados pelas famílias da população em geral. De salientar que o

utros estudos com famílias portuguesas obtiveram resultados ligeiramente acima (i.e., em média a rede era constituída por nove pessoas; Martins et al., 2022; Nunes et al., 2021). No tocante à sua constituição, a rede de apoio social das famílias da população em geral era constituída principalmente por familiares e amigos, bem como a das famílias em risco. Contudo, as famílias em risco mostraram uma presença mais elevada do cônjuge e filhos na sua rede de apoio, comparativamente às famílias da população em geral. Assim, se por um lado, a presença do cônjuge na rede de apoio social das famílias em risco constitui um fator positivo, por outro, a presença dos filhos menores pode constituir um indicador de alguma disfuncionalidade do sistema familiar e parental, dado que as crianças devem receber o apoio dos pais e não vice-versa (Macedo et al., 2013; Nunes & Ayala-Nunes, 2015). Outro aspecto relevante prende-se com o facto das famílias em risco terem indicado uma presença mais elevada de profissionais na sua rede de apoio social que as famílias da população em geral, sugerindo uma elevada dependência destas famílias de ajudas sociais. Estes resultados são semelhantes aos observados por Menéndez e colaboradores (2010), num estudo realizado com famílias em situação de risco, através do qual observaram pontuações elevadas ao nível do apoio social providenciado às famílias por parte de profissionais. Neste sentido, a intervenção dos profissionais revela-se crucial junto das famílias em risco, uma vez que poderão disponibilizar uma maior segurança e confiança para lidar com situações especialmente difíceis (López et al., 2007; Younas et al., 2023; Wiles et al., 2019).

Sobre os tipos específicos de apoio social, a rede mais extensa para ambos os grupos de famílias, em risco e normativas, foi a rede emocional, seguida da rede informativa e da tangível. As famílias da população em geral apresentam uma rede de apoio tangível mais ampla e significativa do que as famílias em risco, o que de alguma forma justifica a tendência por parte destas famílias beneficiarem de apoios provenientes de distintas instituições (governamentais ou de instituições da sociedade civil), com o objetivo de providenciar apoio e suprir algumas das suas necessidades, através da cedência de bens, como apoio alimentar, apoio financeiro direto (pagamento de rendas em atraso, necessidades urgentes), ou indireto (e.g., pagamento de consultas médicas, creches, entre outros) (Matos & Sousa, 2004; Nunes et al., 2011; Sousa, 2005).

O tipo específico de apoio que as famílias da população em geral e de risco referiram ter precisado foi o apoio emocional, seguido do informativo e do tangível. As famílias em risco reportaram uma necessidade mais elevada e significativa em todos os tipos específicos de apoio comparativamente às famílias da população em geral.

Estes resultados vão ao encontro de outros estudos empíricos realizados com famílias em risco, desenvolvidos em Espanha (Menéndez, et al., 2010) e em Portugal (Macedo et al., 2013; Nunes & Ayala-Nunes, 2015), onde os participantes referiam sentir uma maior necessidade e menor satisfação com o apoio emocional do que com outros tipos de apoio, corroborando a relevância do fortalecimento e ampliação das redes de apoio emocional informais nas intervenções

com estas famílias. De facto, o tipo de apoio emocional tem sido muito relatado como um fator protetor de relevo, promovendo diferenças em potenciais situações abusivas e maltrato na infância, bem como de mal-estar e baixos níveis de saúde mental dos pais (e.g., Younas et al., 2023).

Os níveis de satisfação com o apoio social percebido pelas famílias da população em geral e de risco foram superiores às necessidades de apoio social reportadas para os três tipos específicos de apoio (emocional, informativo e tangível). As famílias em risco mostraram-se mais satisfeitas com o apoio social percebido, a nível global, tangível e informativo, do que as famílias da população em geral. Este resultado coincide com aquele observado por Nunes e colaboradores (2013), em que a necessidade de apoio referido pelas mães de famílias em risco foi moderada e o seu nível de satisfação foi elevado.

A rede de conflitos das famílias da população em geral foi constituída na sua maioria por familiares, amigos e cônjuge e das famílias em risco composta principalmente pelo cônjuge, familiares, filhos e ex-cônjuge. Normalmente, nas famílias em situação de risco, as relações conjugais tendem a ser instáveis e conflituosas, ocorrendo o aparecimento de conflitos mais intensos e relações menos positivas ou de não-reciprocidade (Rodríguez et al., 2006; Sousa, 2005), o que sublinha a importância de que as intervenções com as famílias em risco devam abordar em particular as problemáticas identificadas na dinâmica familiar (Hidalgo et al., 2018; Macedo et al., 2013).

A rede de apoio social em situações de risco é mais reduzida do que em situações normativas, tanto nas famílias em risco, como nas famílias da população em geral. As famílias em risco reportaram mais necessidade de apoio em presença de situações stressantes e de risco do que as famílias da população em geral. Nunes e Ayala-Nunes (2015), num estudo desenvolvido com famílias em risco psicossocial, concluíram também que a rede de apoio destas famílias em situações graves é mais reduzida face a acontecimentos de vida mais normativos constituída na maioria dos casos por familiares, podendo sugerir a fraca qualidade das relações com pessoas fora da família. Por vezes, o suporte social providenciado não consegue mitigar o efeito negativo do stress e o sofrimento dos indivíduos podendo até agravá-lo (Zee & Bolger, 2019).

As famílias em risco psicossocial evidenciam necessidades importantes relacionadas com as suas redes de apoio social na sua dimensão, composição e funções que cumprem, em contraste com as famílias da população em geral, que adquirem especial relevância tendo em consideração a diminuição da sua rede de apoio social face a situações mais difíceis, elevada acumulação de acontecimentos de vida negativos nas suas trajetórias e circunstâncias de vida vivenciadas com forte impacto emocional e limitações ao nível dos seus recursos para lidar adequadamente com as inúmeras e diversificadas problemáticas nas quais se veem implicadas (Ayala-Nunes et al., 2017; Neuhauser, 2018; Ridings et al., 2017).

Em suma, este estudo pretendeu analisar os acontecimentos de vida stressantes e de risco atuais das famílias, o impacto emocional e características do apoio social percebido nas famílias em risco psicossocial e da população em geral. Neste seguimento, o seu grande contributo prende-se com identificar as especificidades destes fenómenos, nomeadamente nas famílias em risco, esclarecendo algumas assunções criadas acerca deste tipo famílias (e.g., maior necessidade de apoio tangível do que emocional, quando o que se observou foi o contrário), fundamentais na intervenção e na sua capacitação.

Em relação às limitações do nosso estudo, salientamos que a sua especificidade geográfica não permite generalizar os resultados obtidos à restante população portuguesa e em situação de

risco psicossocial. Dado tratar-se de uma investigação do tipo transversal não nos permite determinar também relações de causalidade entre as variáveis analisadas. O facto de termos utilizado apenas um instrumento de avaliação para medir cada variável constitui outra limitação da investigação. Contudo, este estudo para além das mães inclui participação dos pais. As futuras investigações deverão integrar informação disponibilizada através de outros métodos e fontes de informação, nomeadamente, outros membros da família.

5. Conclusões

Este estudo sugere a necessidade em priorizar o fortalecimento e a ampliação da rede de apoio emocional informal nas intervenções com as famílias em situação de risco psicossocial. Considerando que estas famílias tendem a acumular vários apoios concedidos por distintas instituições (que podem ser públicas ou privadas), denota que a grande maioria apresenta uma abordagem focada no problema (Matos & Sousa, 2006), o que muitas vezes não ultrapassa os aspetos instrumentais (Matos & Sousa, 2004; Nunes et al., 2022; Sousa, 2005). Assim, importa também considerar outros tipos de apoio específicos a disponibilizar às famílias inerentes às necessidades de apoio do tipo informativo e tangível, sobretudo tendo em consideração as suas características sociodemográficas, marcadas por baixo nível educativo, precaridade profissional e dificuldades financeiras. Torna-se fundamental monitorizar continuamente os apoios recebidos pelas famílias e avaliar a eficácia das intervenções, para ajustá-las às suas necessidades. Para além disso, é importante incorporar a perspetiva das famílias acompanhadas para melhorar os programas e serviços oferecidos.

Neste seguimento, revela-se fundamental desenvolver programas que permitam ampliar e fortalecer as suas redes de apoio social informal combinando-as com os apoios da rede formal, através da implementação de programas, através do desenvolvimento de competências parentais, das relações familiares e da prevenção de acontecimentos de vida stressantes, o que assegurará a sua eficácia (Cruz et al., 2023). Para além disso, permitem reduzir a dependência das famílias em relação aos serviços formais, promovendo a sua autonomia e resiliência.

Para atender às necessidades das famílias e aos desafios da prática profissional, particularmente da área social, é fundamental investir-se na capacitação dos profissionais de saúde, assistentes sociais, educadores e outros envolvidos no apoio a essas famílias, para que estejam atualizados relativamente às melhores práticas e metodologias de intervenção. A adoção de uma abordagem integrada, em que estão envolvidos profissionais de diversas áreas, permite oferecer um apoio mais rico e holístico.

Referências

- Álvarez, M., Byrne, S., & Rodrigo, M. J. (2020). Patterns of individual change and program satisfaction in a positive parenting program for parents at psychosocial risk. *Child & Family Social Work, 25*(2), 230–239. <https://doi.org/10.1111/cfs.12678>
- Ayala-Nunes, L., Jiménez, L., Jesus, S., Nunes, C., & Hidalgo, V. (2018). A ecological model of well-being in child welfare referred children. *Social Indicators Research, 140*(2), 811–836. <https://doi.org/10.1007/s11205-017-1807-x>

- Ayala-Nunes, L., Lemos, I., & Nunes, C. (2014). Predictores del estrés parental en madres de familias en riesgo psicosocial. *Universitas Psychologica*, 13(2), 529-539. <https://doi.org/10.11144/Javeriana.UPSY13-2.pepm>
- Ayala-Nunes, L., Nunes, C., & Lemos, I. (2017). Social support and parenting stress in at-risk Portuguese families. *Journal of Social Work*, 17(2), 207–225. <https://doi.org/10.1177/1468017316640200>
- Ayón, C. (2018). Latino child welfare: Parents' well-being at the time of entry. *Families in Society*, 92, 295–300. <https://doi.org/10.1606/1044-3894.4127>
- Barrera, M. (1980). A method for the assessment of social support networks in community survey research. *Connections*, 3, 8–13.
- Barrera, M. (1986). Distinctions between social support concepts, measures, and models. *American Journal of Community Psychology*, 14(4), 413-445. <https://doi.org/10.1007/BF00922627>
- Barrón, A. (1996). Apoyo social. Madrid, España: Siglo XXI.
- Bauch, J., Hefti, S., Oeltjen, L., Pérez, T., Swenson, C. C., Fürstenau, U., Rhiner, B., & Schmid, M. (2022). Multisystemic therapy for child abuse and neglect: Parental stress and parental mental health as predictors of change in child neglect. *Child Abuse & Neglect*, 126, 105489. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2022.105489>
- Belsky, J., & Jafee, S. R. (2015). *The multiple determinants of parenting*. In D. Cicchetti & D. J. Cohen (Eds), *Developmental psychopathology: Risk, disorder, and adaptation* (2nd ed., Vol. 3, pp. 38–85). Wiley Online Library.
- Benzies, K., & Mychasiuk, R. (2009). Fostering family resiliency: a review of the key protective factors. *Child and Family Social Work*, 14, 103–114. <https://doi.org/10.1111/j.1365-2206.2008.00586.x>
- Brown, S. G., Hudson, D. B., Campbell-Grossman, C., Kupzyk, K. A., Yates, B. C., & Hanna, K. M. (2018). Social support, parenting competence, and parenting satisfaction among adolescent, African American, mothers. *Western Journal of Nursing Research*, 40, 502–519. <https://doi.org/10.1177/0193945916682724>
- Cohen, S. (2004). Social relationships and health. *American Psychologist*, 59, 676–684. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.59.8.676>
- Cohen, S. & Wills, T. A. (1985). Stress, social support and the buffering hypothesis. *Psychological Bulletin*, 98, 310-357. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.98.2.310>
- Cruz, O., Almeida, A., & Nunes, C. (2023). Mapping parenting interventions in Portugal. In C. Devaney & R. Crosse. *International Perspectives on Parenting Support and Parental Participation in Children and Family Services* (chap. 4, pp. 51-66). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781003334248>
- Evans, G. W., & Cohen, S. (1987). Environmental stress. In D. Stokols, & I. Altman (Eds.), *Handbook of environmental psychology* (Vol.1. pp. 571-610). Wiley.
- Gao, F., Yao, Y., Yao, C., Xiong, Y., Ma, H., & Liu, H. (2020). Moderating Effect of Family Support on the Mediated Relation Between Negative Life Events and Antisocial Behavior Tendencies via Self-Esteem Among Chinese Adolescents. *Frontiers in Psychology*, 11. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.01769>
- Garbarino, J. (2017). *Children and families in the social environment: Modern applications of social work* (2nd Ed.). Routledge.
- Gracia, E., & Musitu, G. (2003). Social isolation from communities and child maltreatment: A cross-cultural comparison. *Child Abuse & Neglect*, 27, 153-168. [https://doi.org/10.1016/S0145-2134\(02\)00538-0](https://doi.org/10.1016/S0145-2134(02)00538-0)
- Hidalgo, M. V., Álvarez-Dardet, S. M., Hidalgo, J. S., Lara, B. L., & García, L. J. (2009). La intervención con familias en situación de riesgo psicosocial. Aportaciones desde un enfoque psicoeducativo. *Apuntes de psicología*, 413-426. <https://apuntesdepsicologia.es/index.php/revista/article/view/155>

- Hidalgo, V., Pérez-Padilla, J., Sánchez, J., Ayala-Nunes, L., Maya, J., Grimaldi, V., & Menéndez, S. (2018). An analysis of different resources and programmes supporting at-risk families in Spain. *Early Child Development and Care*, 188(11), 1528-1539. <https://doi.org/10.1080/03004430.2018.1491560>
- Hong, X.M., Zhu, W.T., & Zhao, S.J. (2020). A Study on the Nursing Support and Parenting Pressure of Young Parents Taking Care of Infants-Based on the Survey Data of 13 Cities in China. *J. Chin. Youth Soc. Sci.*, 39, 106–114.
- Hong, X., Zhu, W., & Zhao, S. (2023). Type of Family Support for Infant and Toddler Care That Relieves Parenting Stress: Does the Number of Children Matter? *Healthcare*, 11(3), 421. <https://doi.org/10.3390/healthcare11030421>
- Lagdon, S., Ross, J., Robinson, M., Contractor, A. A., Charak, R., & Armour, C. (2018). Assessing the mediating role of social support in childhood maltreatment and psychopathology among college students in Northern Ireland. *Journal of Interpersonal Violence*, 36(3–4), NP2112–NP2136
- Li, F., Godinet, M. T., & Arnsberger, P. (2011). Protective factors among families with children at risk of maltreatment: Follow up to early school years. *Children and Youth Services Review*, 33(1), 139-148. <https://doi.org/10.1016/j.chilyouth.2010.08.026>
- López, I. V. (2006). El apoyo social de familias en situación de riesgo. (Documento nº 04/06), Espanha: Fundación Acción Familiar.
- López, I., Menéndez, S., Lorence, B., Jiménez, L., Hidalgo, V., & Sánchez, J. (2007). Evaluación del apoyo social mediante la escala ASSIS: descripción y resultados en una muestra de madres en situación de riesgo psicossocial. *Intervención Psicosocial*, 16(3), 323-337.
- Karhina, K., Bøe, T., Hysing, M. et al. Parental separation, negative life events and mental health problems in adolescence. *BMC Public Health* 23, 2364 (2023). <https://doi.org/10.1186/s12889-023-17307-x>
- Lorence, B. Hidalgo, M. V., & Dekovic, M. (2013). Adolescent adjustment in at-risk families: The role of psychosocial stress and parental socialization. *Salud Mental*, 36, 49-57. <https://doi.org/10.17711/SM.0185-3325.2013.007>
- Macedo, C., Nunes, C., Costa, D., Ayala-Nunes, L., & Lemos, I. (2013) Apoio social, acontecimentos stressantes, adaptabilidade e coesão em famílias em risco psicossocial. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 14(2), 304-312.
- Mangalagiu, A. G., Riga, S., & Vasiliu, O. (2024). Exploring the Interplay between Family History of Depression, Negative Life Events, and Social Support in First-Episode Major Depression: Insights from a Pilot Case-Control Study. *Psychiatry International*, 5(3), 305–322. <https://doi.org/10.3390/psychiatryint5030021>
- Martin, A., Gardner, M., & Brooks-Gunn, J. (2012). The mediated and moderated effects of family support on child maltreatment. *Journal of Family Issues*, 33, 920–941. <https://doi.org/10.1177/0192513X114316>
- Martins, S., Martins, C., Almeida, A., Ayala-Nunes, L., Gonçalves, A., & Nunes (2022). The Adapted DUKE-UNC Functional Social Support Questionnaire in a Community Sample of Portuguese Parents. *Research on Social Work Practice*, 32(5), 596-606. <https://doi.org/10.1177/10497315221076039>
- Matos, A. R., & Sousa, L. M. (2004). How multiproblem families try to find support in social services. *Journal of Social Work Practice*, 18 (1), 65-80. doi:10.1080/0265053042000180590
- Matos, A., & Sousa, L. (2006). O apoio das instituições de protecção social às famílias multiproblemáticas. *PSI – Revista de Psicologia Social e Institucional, Londrina*, 3(1), 1-23.
- Menéndez, S., Hidalgo, M. V., Jiménez, L., Lorence, B., & Sánchez, J. (2010). Perfil psicossocial de familias en situación de riesgo. Un estudio de necesidades con usuarias de los Servicios Sociales Comunitarios

- por razones de preservación familiar. *Anales de Psicología*, 26 (2), 378-389. <https://revistas.um.es/analesps/article/view/109381>
- Moreno, J.M. (2002). Estudio sobre las variables que intervienen en el abandono físico o negligencia infantil. *Anales de Psicología*, 18(1), 135-150. <https://revistas.um.es/analesps/article/view/28661>
- Neuhauser, A. (2018). Predictors of maternal sensitivity in at-risk families. *Early Child Development and Care*, 188(2), 126-142. <https://doi.org/10.1080/03004430.2016.1207065>
- Nunes, C., & Ayala-Nunes, L. (2015). Famílias em Risco Psicossocial: Desafios para a avaliação e intervenção. *Psicologia da Criança e do Adolescente* 6, 95-107. <https://revistas.lis.ulusiada.pt/index.php/rpca/article/view/1973>
- Nunes, C., Martins, C., Ayala-Nunes, L., Matos, F., Costa, E., & Gonçalves, A. (2021). Parents' perceived social support and children's psychological adjustment. *Journal of Social Work*, 21(3), 497-512. <https://doi.org/10.1177/1468017320911614>
- Nunes, C., Ayala-Nunes, L., Ferreira, L. I., Pechorro, P., Freitas, D., Martins, C., & Santos, R. (2023). Parenting sense of competence: Psychometrics and invariance among a community and an At-Risk samples of portuguese parents. *Healthcare*, 11(1), 15. <https://doi.org/10.3390/healthcare11010015>
- Nunes, C., Lemos, I., Ayala-Nunes, L., & Costa, D. (2013). Acontecimentos de vida stressantes e apoio social em famílias em risco psicossocial. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 14(2), 313-320.
- Nunes, C., Lemos, I., Costa, D., Nunes, L., & Almeida, A. (2011). Social support and stressful life events in portuguese multi-problem families. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 5 (1), 497-505.
- Nunes, C., Martins, C., Ayala-Nunes, L., Matos, F., Costa, E., & Gonçalves, A. (2021). Parents' perceived social support and children's psychological adjustment. *Journal of Social Work*, 21(3), 497-512. <https://doi.org/10.1177/1468017320911614>
- Nunes, C., Martins, C., Brás, M., Carmo, C., Gonçalves, A., & Pina, A. (2022). Impact of an Online Parenting Support Programme on Children's Quality of Life. *Children*, 9(2), 173. <https://doi.org/10.3390/children9020173>
- Pérez-Padilla, J., Ayala-Nunes, L., Hidalgo, M. V., Nunes, C., Lemos, I., & Menéndez, S. (2017). Parenting and stress: A study with Spanish and Portuguese at-risk families. *International Social Work*, 60(4), 1001-1014. <https://doi.org/10.1177/0020872815594220>
- Ridings, L. E., Beasley, L. O., & Silovsky, J. F. (2017). Consideration of risk and protective factors for families at risk for child maltreatment: An intervention approach. *Journal of family violence*, 32, 179-188. <https://doi.org/10.1007/s10896-016-9826-y>
- Rodrigo, M. J., Máiquez, M. L., Martín, J. C., & Byrne, S. (2008). *Preservación familiar. Un enfoque positivo para la intervención con familias*. Madrid: Pirámide.
- Rodríguez, G., Camacho, J., Rodrigo, M. J., Martín, J. C., & Máiquez, M. L. (2006). Evaluación del riesgo psicossocial en familias usuarias de servicios sociales municipales. *Psicothema*, 18 (2), 200-206.
- Sousa, L. (2005). *Famílias Multiproblemáticas*. Coimbra: Quarteto.
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2019). *Using multivariate statistics* (7th ed.). Pearson Education.
- Thoits, P. A. (2011). Mechanisms linking social ties and support to physical and mental health. *Journal of Health and Social Behavior*, 52(2), 145-161. <https://doi.org/10.1177/0022146510395592>
- Trigo, J. (1998). Indicators of risk in families receiving attention from social services. *Psychology in Spain*, 2(1), 66-75.

- UNESCO (2022). Global Partnership Strategy for Early Childhood, 2021-2023. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000380077>
- Younas, F., & Gutman, L. M. (2022). Parental Risk and Protective Factors in Child Maltreatment: A Systematic Review of the Evidence. *Trauma, Violence, & Abuse*, 24(5), 152483802211346. <https://doi.org/10.1177/15248380221134634>
- Wiles, B., Cooper, A. N., & McWey, L. M. (2019). Using Child Services: The Importance of the Mother–Child Relationship and Maternal Social Support. *Journal of Social Service Research*, 45(3), 418-428. <https://doi.org/10.1080/01488376.2018.1480567>
- Zee, K. S., & Bolger, N. (2019). Visible and invisible social support: How, why, and when. *Current Directions in Psychological Science*, 28(3), 314–320. <https://doi.org/10.1177/0963721419835214>.